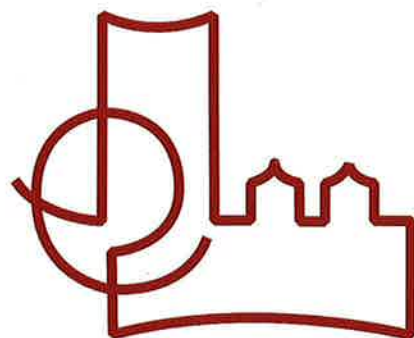




quinta da caverneira





quinta.caverneira.maia

CENTRO DE ESTUDOS DA RURALIDADE

QUINTA DA CAVERNEIRA
CENTRO DE ESTUDOS DA RURALIDADE

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

José Augusto Maia Marques

TEXTOS:

António Bragança Fernandes

Mário Nuno Neves

José Augusto Maia Marques

Susana Carvalho

CONCEPÇÃO GRÁFICA:

MELHORIA CONTÍNUA

Coordenação:

Manuel Magalhães

Design:

Paulo Sousa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:

LITOLOUSADA

Litografia de Lousada, Lda.

1ª EDIÇÃO: Abril 2005

Tiragem: 2.000 exemplares

ISBN: 972-8315-37-6

DEPÓSITO LEGAL: 225093/05

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

MAIA, Câmara Municipal, Pelouro da Cultura

Quinta da Caverneira : Centro de Estudos da Ruralidade

/ Câmara Municipal da Maia, Pelouro da Cultura; coord. ed. José Augusto Maia Marques;

textos de António Bragança Fernandes, [et al.] - Maia : Câmara Municipal da Maia,

2005. - 32 p : il. ; 20 cm

ISBN 972-8315-37-6

I. MARQUES, José Augusto Maia, 1952- , coord. ed.

II. FERNANDES, António Bragança, 1948- , e outros

Quinta da Caverneira--história--Águas Santas (Maia, Portugal) / Arquitectura--edifício

de habitação--reabilitação--Águas Santas (Maia, Portugal)

CDU 728.8(469.13)(091)

72.025(469.13)

Sendo a Maia, ainda, uma região fortemente rural, e com o intuito de localizar, estudar, preservar e colocar ao serviço do público, todo um vasto espólio documental que ainda perdura nesta rica área, a Câmara Municipal da Maia deliberou instituir e pôr a funcionar o Centro de Estudos da Ruralidade, que pretende tornar-se num círculo de estudos do mundo rural em geral, mas, sobretudo, da antiga Terra da Maia. Para o instalar, foi escolhida a Quinta da Caverneira, então tornada património municipal. Este edifício, de arquitectura peculiar, filiável na chamada «casa de brasileiro», tão característica da Terra da Maia, foi residência do Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, professor catedrático da Universidade do Porto, grande impulsionador de estudos de arqueologia, etnografia e etnologia, constituindo assim, por si só, um pólo de inegável interesse patrimonial e simbólico. Esta estrutura possuirá vários pólos de trabalho, como um Centro de Documentação e Biblioteca, um Núcleo de Estudos e reservas museológicas visitáveis. Servirá, sem dúvida, de elemento dinamizador da cultura da porção sul do Concelho, mas, em articulação com o Fórum da Maia, a sua acção estender-se-á não só a toda a Maia como mesmo a toda a Área Metropolitana. Para mim, enquanto Presidente de Câmara, esta obra é sumamente importante por duas ordens de razões. Em primeiro lugar, porque possibilita aos maiatos, mormente aos mais interessados por estas coisas da cultura, mais um ponto de acesso à informação e à fruição cultural. Depois, porque fornecerá a um conjunto de investigadores e estudiosos condições para que ajudem a preservar e estudar as características rurais da nossa Terra, felizmente, e em muitos casos, ainda vivas.

Os resultados dos trabalhos levados a cabo pelo Centro de Estudos da Ruralidade, serão sem dúvida de importância vital para a preservação da nossa identidade e contribuirão para que não se perca de todo a consciência de ser Português.



O Presidente da Câmara Municipal

Eng. António Gonçalves Bragança Fernandes

O Centro de Estudos da Ruralidade da Quinta da Cavemeira é um magnífico exemplo daquilo que deve ser uma estrutura cultural, já que é, em simultâneo, um espaço de partilha de conhecimentos, de investigação científica, de lazer, de convívio e - também - um testemunho de reabilitação, recuperação e adaptação de elevadíssima qualidade, aberto e destinado a toda a comunidade maiata.

É o mais recente equipamento da rede municipal de cultura, que possui como estruturas mais importantes o Forum da Maia, a Biblioteca Municipal, o Museu Municipal, e o Conservatório de Música da Maia. O **CER**, organismo único na Península Ibérica, instituído pela Câmara Municipal da Maia, com o objectivo de estudar a "Ruralidade", nas suas vertentes histórica, sociológica, antropológica e económica, é também uma afirmação inequívoca do orgulho e respeito que nos merecem os ancestrais esteios identitários da nossa Terra. A Maia foi, durante muitos e muitos séculos, um território eminentemente rural, e essa ruralidade moldou claramente a nossa matriz cultural. Ao sermos hoje, como efectivamente somos, o Concelho com a melhor qualidade de vida de toda a Área Metropolitana do Porto, com índices de desenvolvimento ao nível dos melhores de toda a União Europeia, voltados claramente para o futuro e para todos os novos desafios que nos são impostos neste dealbar do século XXI, em que temos que assimilar paradigmas absolutamente novos - paradigmas culturais, paradigmas sociais, paradigmas económicos, paradigmas tecnológicos e paradigmas geo-políticos -, somos também, e sobretudo, filhos da nossa herança cultural, que quanto mais e melhor for por todos conhecida,

especialmente pelas camadas mais jovens da população, melhores condições teremos para enfrentar o amanhã com toda a segurança e esperança. O conhecimento apurado do passado, sobretudo do passado colectivo, é a melhor das lições que podemos obter, no presente, para enfrentarmos o futuro.

O **CER** estará ao serviço das maiatas e dos maiatos, que aí encontrarão um local de convívio e de aprendizagem. O **CER** pretende ser uma "âncora" da vida da comunidade, que viverá não só dos seus núcleos de investigação, mas também da sua Biblioteca e Centro de Documentação, do seu bar, da sua esplanada e do seu auditório, que no seu palco terá música, teatro e outras manifestações artísticas. O **CER**, representa um investimento financeiro importante por parte da Câmara Municipal da Maia, que mesmo num cenário económico e financeiro extremamente adverso, continua a considerar a "Cultura" como uma área prioritária de intervenção. Esta Autarquia tem a plena consciência que quanto maior for o desenvolvimento cultural da Família Maiata, mais homogénea, coesa e dinâmica será a nossa comunidade. A formação é - e será - a maior aposta da política cultural que delineamos e quotidianamente desenvolvemos, já que acreditamos que as comunidades verdadeiramente saudáveis e desenvolvidas são aquelas que são compostas por cidadãos cada vez mais exigentes e intervenientes. Uma última palavra para a excelência do trabalho de restauro, requalificação e readaptação do edifício onde está sediado o CER, a Casa da Quinta da Cavemeira, que é, sem dúvida, notável, merecendo a sua autora, a Senhora Arquitecta Susana Carvalho as maiores felicitações,

já que soube, com rigor e clareza, interpretar a alma da estrutura que existia e repotenciá-la para funções absolutamente diversas, sem a adulterar, sem a empobrecer, bem pelo contrário, enriquecendo-a e dando-lhe condições para ser mais um ícone maiato.



O Vereador do Pelouro da Cultura
da Câmara Municipal da Maia,

Dr. Mário Nuno Alves de Sousa Neves

MAIS DO QUE UMA ESTRUTURA A MATERIALIZAÇÃO DE UM PROJECTO

CENTRO DE ESTUDOS DA RURALIDADE

Quando nos referimos a «Património», e sobretudo ao genericamente designado «Património Cultural», falamos ao mesmo tempo, do aspecto material e do aspecto imaterial. Do material pensa-se imediatamente no património construído. Do imaterial pensa-se nas tradições orais, nos saberes (saber e saber-fazer), nas línguas, nos dialectos e expressões locais. E todos concordam em considerar que este riquíssimo património, em qualquer destas áreas, deve ser preservado. É o caso, por exemplo, do património rural maiato. Sabemos bem que uma das características seculares, milenares mesmo, da Terra da Maia é a sua forte ruralidade. Aqui estão (estavam) alguns dos mais férteis pedaços de solo do Entre Douro e Minho.

Ora a grande mais-valia que possuímos é justamente o facto de esta ruralidade estar ainda bem presente, bem viva, bem actuante no nosso território. Há ainda casas rurais, famílias rurais, explorações agrícolas rurais, mentalidade rural. Note-se que «rural» é, no contexto em que o escrevemos, algo de muito positivo. É sinónimo de honestidade, de força, de sacrifício, de franqueza, de gratidão, de entreeajuda, contra a corrupção, a cobardia, a arrogância, a ingratidão, o individualismo da chamada «cultura urbana» ou «cultura cidadina». Ser rural é um estado de espírito muito mais ecológico. Muito mais moderno. É o contacto com a natureza, com a terra, com as plantas, com os

animais. É ser o guardião de um saber ancestral, de experiência feito. Um acumular de sabedoria, de cultura popular, bem mais enraizada do que a académica.

A realidade rural é uma realidade de trabalho e de honestidade. Dois valores arredios, que é preciso inculcar na nossa juventude.

Acontece até este paradoxo. Os filhos, netos, bisnetos de lavradores, de jornaleiros, de moços de servir, abandonavam (e abandonam ainda) as terras que há séculos pertenciam ou eram trabalhadas pelas suas famílias, em busca de um trabalho mais «limpo», menos «duro», na grande cidade. Quantas vezes isso significou muito mais sujeição, muito mais escravização. Depois de conseguirem um certo desafoço económico, o que é que fazem ? Correm a comprar uma casa de campo. Campo do qual fugiram. Campo a que regressam por sua vontade. Mas, entretanto, perdeu-se a casa de seus antepassados. Perdeu-se a ligação à terra. Perdeu-se a identidade rural. A casa de campo já tem muito cimento, muita relva, árvores exóticas, aves coloridas, piscina, mosaicos e azulejos de cores vivas. Já não tem nada a ver com a sua memória familiar. Perde-se assim mais um fragmento da nossa memória colectiva. Mas ainda possuímos, na Maia, muitas características rurais que importa preservar e valorizar. Foi justamente para isso que a Câmara Municipal da Maia deliberou instituir o Centro de Estudos da Ruralidade - CER que pretende tornar-se num círculo de estudos do mundo rural em geral, mas, sobretudo, da antiga Terra da Maia.

Segundo a Proposta de Criação aprovada pela Câmara Municipal da Maia, o CER, constitui-se em vários núcleos e pólos de acção de que se

destacam: Centro de Documentação, Biblioteca, Núcleo de Museologia, Núcleo de Estudos, Núcleos de Investigação aos quais há a juntar o Núcleo de Apoio Administrativo.

Com base nestas estruturas serão desenvolvidas desde já, de acordo com prioridades que são óbvias e sem embargo de futuras novas propostas, as suas linhas de investigação, com especial incidência para: O "conflito" entre o rural e o urbano; Religiosidade popular e suas manifestações; A Terra da Maia - Agricultura, espaço e sociedade; Dotes, Doações e Testamentos - Reprodução da família agrária na Terra da Maia (1750-1950); O ciclo agrícola e a Arte popular; Problemas da modernização agrícola na Terra da Maia; Constituição de pólos museológicos sobre a Cultura Popular na Terra da Maia; Igualmente prioritários, enquanto garante da preservação e valorização do que de mais importante existe no domínio da ruralidade na Terra da Maia, são vários levantamentos, inventários, inquéritos e trabalhos de campo, alguns já iniciados de forma isolada, e que agora serão devidamente enquadrados numa estratégia global de recolha e pesquisa. Destaque para: Inventário da Arquitectura Tradicional; Inventário de alfaias agrícolas; O património da água; Inventário de fotografia antiga; A ruralidade e a Arte Popular; Inquérito à Maia rural - trabalho de campo; Inventário bibliográfico e documental. O CER localizar-se-á na Quinta da Caverneira, na freguesia de Águas Santas. Este edifício, de arquitectura peculiar, filiável na chamada «casa de brasileiro», tão característica da Terra da Maia, foi residência do Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, catedrático da Universidade do Porto, grande impulsionador de

estudos de arqueologia, etnografia e etnologia, constituindo assim, por si só, um pólo de inegável interesse patrimonial e simbólico.

Estará em parte aberto ao público, seu principal destinatário, como será o caso dos seus jardins, da sua eira, do rés-do-chão com uma sala de exposições, uma biblioteca e um centro de documentação e do seu torreão central que constituirá um miradouro privilegiado ao mesmo tempo que lugar de permanentes mostras de cultura popular. Aproveitando-se a topografia do terreno está construído um auditório/sala de conferências para 100 pessoas. As obras de adaptação estão prontas, estando a inauguração deste conjunto prevista para Abril de 2005. A sua inserção, num espaço de certa densidade de ocupação do solo por habitação, e a sua localização numa freguesia que, sendo a mais populosa do concelho, é ainda muito rural, assegurará que a população tome parte activa nos trabalhos e usufrua dos seus resultados.

1. Núcleo de Investigação

Na Quinta da Caverneira ficará sediado, ao menos para já o **Centro de Estudos da Ruralidade**. Este Centro, tutelado pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia, conduz investigações na Área da Terra da Maia e trabalha sobre a Ruralidade, a Cultura Popular, a produção literária e a figura de Luís de Magalhães, para além de enquadrar a investigação científica no que toca aos Museus Municipais. Do mesmo modo este Centro constitui um embrião organizativo

de eventos culturais, desde Congressos a Publicações, passando também, agora, por exposições, ciclos de conferências e actividades afins.

2. Biblioteca / Centro de Documentação

A Biblioteca da Quinta da Caverneira terá que ser, dado o seu espaço, uma biblioteca especializada. Atendendo às características do Núcleo atrás referido, a bibliografia centrar-se-á à volta de 4 áreas:

A - Referências; Uma boa e actualizada enciclopédia em suporte papel, um conjunto de dicionários e um grupo de obras de referência sobre as temáticas em apreço;

B - Maia; tudo o que foi editado sobre a Maia, pela Câmara ou não, em originais ou em cópias, incluindo publicações periódicas, pelo menos das mais recentes;

C - Ruralidade e Cultura Popular; recorrendo ao fundo da Biblioteca Municipal, rico em originais e em duplicados de obras monográficas, de publicações sobre história da agricultura, ruralidade, etnografia, etnologia, etc., etc.; este fundo seria complementado com a aquisição de obras fundamentais para completar o espectro deste tipo de bibliografia;

D - História Cultural e Literatura do séc. XIX e inícios do séc. XX; produção literária de Luís de Magalhães e dos autores conexos.

3. Sala de Exposições

A Sala de Exposições, embora de dimensões reduzidas, pode constituir-se num pólo dinamizador

de actividades relacionadas quer com a ruralidade e a cultura popular quer com a literatura. Assim, abrimo-la com uma exposição de maquetes do Fernando Dionísio, versando a arquitectura tradicional da Terra da Maia. Podem seguir-se outros tais como pintura naif, fotografia antiga, etnografia, arqueologia, etc. Esta sala, e as paredes do torreão em conjugação com ela, terão sempre uma ocupação.

4. Auditório

O Auditório, com cem lugares, com um palco bem dimensionado e polivalente, equipado já com som e com luz para pequenos e médios espectáculos, bem pode ser um dos factores de atracção deste local. Desde logo que várias conferências, cursos e congressos, dentro da linha dos que já habitualmente fazemos, e atendendo às dimensões do Auditório aqui se podem vir a realizar. Mas pode-se (e deve-se) ir mais longe. No aspecto cultural, mediante aquisição de um bom piano de meia cauda, podem levar-se a cabo óptimos espectáculos musicais, bem como peças de teatro de certa complexidade. Iniciaremos um ciclo de palestras, sobre temas abrangentes, criando-se uma espécie de tertúlia de seres pensantes e intervenientes. Haverá também colaboração, profícua com o Centro de Professores da Maia. Num aspecto menos cultural mas não negligenciável, podemos ligar esta estrutura ao vizinho Hospital de S. João e a todos os seus sectores para a realização de pequenas palestras, cursos, reciclagens, etc., etc..

5. Depósito

Em área adaptada para o efeito, aqui se localizarão algum dos materiais do Museu de História e Etnologia da Terra da Maia.

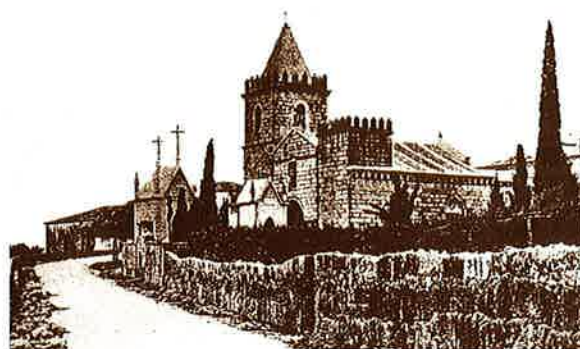
José Augusto Maia Marques

Quinta da Caverneira

Enquadramento histórico:

Apesar de ser parte integrante do Concelho da Maia, a freguesia em que se insere a propriedade - Águas Santas - tem, no seu percurso histórico, um papel tão destacado e repleto de peripécias que justifica este enquadramento. Dos tempos pré cristãos destaque para a chamada "pedra decorada de Ardegães" aqui encontrada nos anos 40 pelo Prof. Santos Júnior. Quiz o acaso que este mesmo personagem fosse, à data, proprietário e ilustre habitante, da nossa Quinta da Caverneira, justificando-se assim a referência.

Em 1120 o breve do papa Calisto II faz referência a "Sancta Marya Aquis Sanctis" e ao seu mosteiro, na Bula "Officium mei" que define os limites da diocese do Porto. O mosteiro de Águas Santas situa-se a curta distância da Quinta da Caverneira.



Vista antiga do Mosteiro de Águas Santas

É monumento nacional desde 1910.

Da origem do topónimo, diz-se que aqui foi degolada Sta. Marinha em 158" ...é logo três caudais de água brotaram do chão nos pontos em que a cabeça da santa bateu...". Há ainda o local da dita fonte junto ao Mosteiro, se bem que actualmente abandonada e substituída por outra.



O Mosteiro na actualidade

Da origem do mosteiro fala Nicolau de Sta Maria: "Foi fundada em honra da Virgem Senhora pelos cavaleiros do Santo Sepulcro depois que forão excluídos da Terra Santa, e foi mosteiro dos que chamavam dobrados (duplex) por morarem nele cônegos e conegas da regra de St. Agostinho. "Fundiu-se posteriormente esta ordem com a de Malta ou Hospital, sendo os seus Grão-Mestres: "Mestres sacrae Domus Hospitalis sancti Joannis Jerosolymitani et Militaris Ordinis Sancti Sepulcri Domini." Disto faz prova o Tombo de 1554 feito pelo comendador maltês Frei Jerónimo da Cunha. A severidade e força românica da construção original, sofre no fim do século XIX um rude golpe. Diz assim numa lápide, o autor da duvidosa ampliação: "A primordial função desta igreja de tão gloriosas recordações perde-se na noite do passado. Edificada pelos anos de 1097, só tinha a nave do Norte com dois arcos ogivais. Sendo seu pároco António de Ascensão e Oliveira, em 1874, os arcos converteram-se em um só, a tosca coluna que os sustentava ao meio foi tirada e fez-se esta nave do sul." Diz-se que foi num sonho que o abade se inspirou para levar acabo estas obras, talvez tenha sido afinal num pesadelo... Na mesma ambiência do Mosteiro e da Caverneira, fica o Monte do Castelo, onde se situa a Quinta do mesmo nome, habitação com laivos senhoriais de janelas ogivais, datando do último quartel do séc. XIX e ladeada por mata cerrada e lago romântico. Sob a citada construção, deverão jazeros vestígios do original castelo. Acredita-se que fosse esta a morada dos Mendes da Maia, proeminente família com papel de destaque no teatro da alvorada nacional, que se coloca com fulgor bélico ao lado do futuro rei D. Afonso Henriques e face a D. Teresa,

afastando o “estrangeiro” Conde de Trava. Os três irmãos foram à época e cada um em seu campo, decisivos para a história nacional.



Vista dos anos 30 da Quinta do castelo



Na actualidade

Soeiro Mendes, que o saudoso Dr. Vieira de Carvalho, estudioso afincado destes temas, defende ter sido o próprio aio do Infante, detinha forte influencia militar e administrativa sobre o núcleo de senhores do Minho, que educaram o futuro rei com teses independentistas. D Paio Mendes, seu

irmão, é feito arcebispo de Braga e encontram-se indícios da sua ligação ao facto do Infante se ter armado a si próprio cavaleiro na Catedral de Zamora, cidade onde o dito arcebispo se encontrava exilado à data. Ecos de coragem sobrevivem à poeira do tempo para cantar os feitos do terceiro irmão: Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador. Morreu pelejando com os Mouros, já com idade avançada, numa campanha no Alentejo.

É através deste ancestral “Castelli Madie” “Castelum Madia” ou “Castrum Amaie”, referido em documentação medieval, que derivará o topónimo, quer em denominação quer em dimensão já que, das 85 freguesias que englobava desde o séc. XIII, restam, desde 1836, aquando da reforma administrativa, as 17 actuais. Este lugar do Castelo é assim, provavelmente, içado a berço do Concelho se não mesmo a berço da ideia de Nação. Quer o acaso e a proximidade, que seja este actualmente posse da mesma família que foi, até anos recentes, proprietária da Quinta da Caverneira.

Caracterização geográfica e física:

A Quinta da Caverneira situa-se num terreno elevado, de onde se usufrui de ampla vista para a Serra da Agrela a Nascente e sobre o vale do Leça a Poente. Este rio, nasce na dita serra, barreira física à penetração para interior das massas do ar atlântico húmido, que aqui se convertem em águas fluviais e para o citado curso de água convergem. Este vale de terras férteis determinou desde tempos distantes a vocação agrícola destas terras. A bacia hidrográfica do Leça, vai assim interligar-se com a do Douro e do Ave, tomando a forma de anfiteatro, bem exposto e voltado ao Atlântico. O terreno da

propriedade é um afloramento granítico por excelência. Situavam-se, na envolvente imediata, pedreiras de extracção de granito amarelo (o granito do Porto, vulgarmente denominado ainda hoje “granito caverneira”) a laborar até anos recentes e sendo fonte principal de rendimentos da Vila. O substrato granítico do solo possibilita a infiltração lenta das águas, dando origem a nascentes de boa qualidade, “águas santas”, e a inúmeros pequenos cursos de água, incrementando naturalmente a produtividade dos solos. As construções estão localizadas numa pequena plataforma à cota mais alta da propriedade e simultaneamente da freguesia, onde se encontra um marco geodésico assinalando 165 metros de altitude.

Os antigos limites da propriedade faceavam a velha estrada de Guimarães, a Rua D. Afonso Henriques ou E.N.105. É a mesma, aglutinadora de urbanização e progresso nas suas margens, onde já em 1911 circulava o moderníssimo carro eléctrico em ligação à urbe Portuense. Este eixo viário é assim, o elemento mais dissonante da componente agrícola e bucólica do entorno.

Gozava esta vila, no princípio do séc. passado, de localização privilegiada em relação à grande cidade, à mistura com modernos meios de transporte como o caminho de ferro e o carro eléctrico, sem perder o carácter rural e as benesses da vida no campo. São estas as características que, nos fins do séc.XIX e princípios do séc.XX, aqui vão fomentar, pela parte de famílias abastadas, a construção de bonitas casas de habitação, férias e lavoura.



Caboucos de moinho em Águas Santas



Moinho do Pisão, Águas Santas

Foi neste contexto rural que foi construída a Quinta da Caverneira. Na propriedade onde o terreno era puro granito de antiga pedreira, surgiram terraços cultivados em socalcos, suportados por muros de granito miúdo, para onde incontáveis carros de bois

transportaram terra preta sem cessar, de forma a permitir plantar, nos terraços formados, os pomares vinhas e arvoredos. A casa, que se crê da última década do séc.XIX é claramente exemplo da "casa de brasileiro". O eclectismo de estilos que a compõem formalmente, é disso prova evidente. Sabe-se ter sido construída por industrial ligado ao têxtil, neste ponto elevado do terreno tornado ainda mais alto com a construção do torreão central com o intuito de ver, para Poente o Atlântico e para Nordeste a Serra do Marão, o que em dias claros se verifica. Dos elementos extravagantes que a fazem sobressair da paisagem, a mais evidente é essa a alta torre com ameias. Podemos encontrar-lhe a origem na cópia de torres dos palacetes barrocos atribuídos a Nazoni. Veja-se a torre da Casa do Rio ou mesmo a da Casa de Ramalde. Os telhados de inclinação excessiva, têm influência alpina, assim como as mansardas do primeiro piso. As altas janelas com varandas são um elemento comum a estas casas, tendo trazido à construção tradicional, mais fechada e de pequenas aberturas, a salubridade da luz.

Outro elemento comum é a existência de um motor a vento, neste caso, já desaparecido. Diz-se que os "brasileiros" foram autênticos mineiros, procurando água nas nascentes próximas, abrindo poços, murando as condutas e utilizando os motores a vento para levar a água para dentro das habitações, onde era distribuída por modernas e inusuais à data, canalizações. Os muros altos, demarcando sem equívoco a propriedade, são outro desses traços comuns. O regresso às origens numa situação mais favorável, é marcado pela construção destas habitações vistosas, forma de jubilação após retirada do trabalho intenso que a emigração

implicava, procurando a afirmação social a um nível mais elevado. A emulação torna-se assim mais importante do que a inovação e daí advêm os excessos decorativos. O portão de ferro forjado trabalhado com a data da construção, encontrado vulgarmente neste tipo de construções, existiu já, segundo testemunhas na antiga entrada principal pela R. D. Afonso Henriques. As decorações em ferro rendilhado dos beirais das mansardas, as nobres cantarias, proporções esguias da construção e o outrora frondoso jardim, retiram o que restar de dúvidas sobre os traços comuns entre esta e a comumente designada "casa de brasileiro".

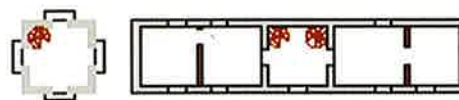


Quinta da Caverneira no ano de 1945, ainda com a sua dimensão original, casa de caseiros, socalcos, tanques de rega, fonte, moinho de vento e portão para a R. D. Afonso Henriques, E.N.105

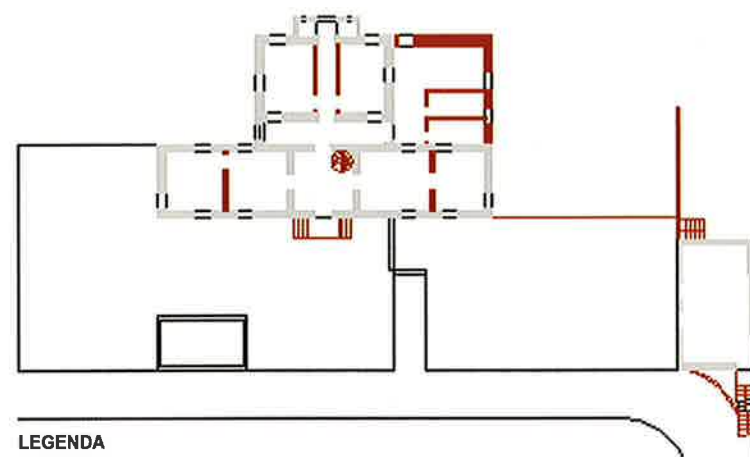
As intenções para a propriedade; um programa:

À data da aquisição da propriedade pela Câmara Municipal da Maia, esta encontrava-se desabitada há cerca de 10 anos. No entanto, o estado de degradação dos edifícios era avançado, quer pelo abandono quer pela frequência de marginais. O terreno original foi, pelos seus proprietários, loteado, cedendo a pressões económicas e urbanísticas. O loteamento em causa tem um índice de construção bastante elevado, sendo os edifícios de habitação colectiva resultantes, de forte presença volumétrica. Aquando da aprovação da dita urbanização, foi adquirida pela Câmara Municipal a propriedade em que focamos a nossa atenção, de forma a preservar a construção principal, classificada à data de interesse municipal pelo PDM, e de possibilitar a existência de um espaço público e zona verde de apoio à nova zona residencial que viria, com o seu elevado número de habitantes, aumentar a carência neste sentido da população da freguesia. Foi assim definido implantar aqui um centro cultural pluridisciplinar. Da área envolvente sobejante, decidiu a Autarquia criar um parque verde de razoáveis dimensões, já que o “boom” de construção da área, denunciava a necessidade premente da população de um espaço para respirar, pisar, ver e ouvir verde. O programa era ambicioso tendo em conta a exiguidade da construção existente. A sua forma apalaçada e localização elevada é enganadora à vista, quanto a dimensões. Quase de imediato foi tomada a decisão de a ampliar para tornar viável a sua utilização. Dá-se o caso de a mesma ter apenas, de espaço útil interior, cerca de quatro metros de profundidade por vinte e um de largura

no corpo principal. Ainda no seu estado original, cerca de 190m² de área interior ao nível do r/c, 85m² no primeiro piso e 15m² no último piso da exígua torre. Ora estas dimensões, poderiam ser apropriadas para uma habitação unifamiliar mas não o eram, com certeza, para um edifício de uso público. Do seu desenho original fica sempre a ideia uma redução feita em máquina de cópias de projecto ambicioso, transformado em pequeno palácio de bonecas, grande na intenção mas pequeno na escala. O mesmo parece ter achado os proprietários que prontamente, e experimentando a sua exiguidade, o ampliaram. Esta ampliação, se bem que de construção sólida de alvenaria e pouco posterior à construção original, foi demolida, restituindo-se a forma original.



Planta da torre e do primeiro piso



LEGENDA

CONSTRUÇÃO EXISTENTE A MANTER

CONSTRUÇÃO EXISTENTE A DEMOLIR

Planta do rés-do-chão antes da intervenção

Como se pode verificar em desenho, a mesma dissonava da simples e simétrica planta em cruz primitiva. Foi decisivo verificar que aberturas, cantarias e paredes originalmente exteriores se encontravam tapadas, ou toscamente transformadas em interiores, por remendo mal engendrado. Só após a demolição do dito corpo, as finas formas do edifício, acentuadas por uma simetria quase rigorosa, brilharam em toda a sua proporcionalidade.



Parte do edifício original que foi demolida



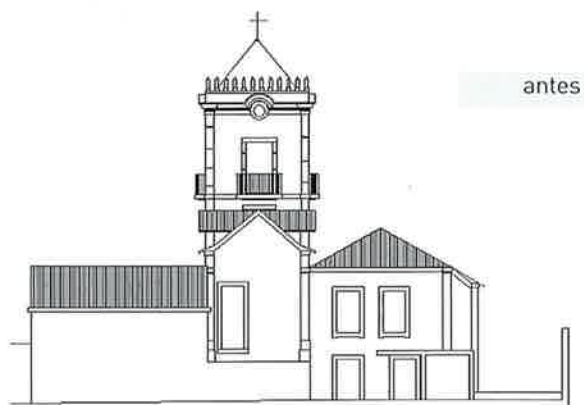
Alçado posterior antes da intervenção



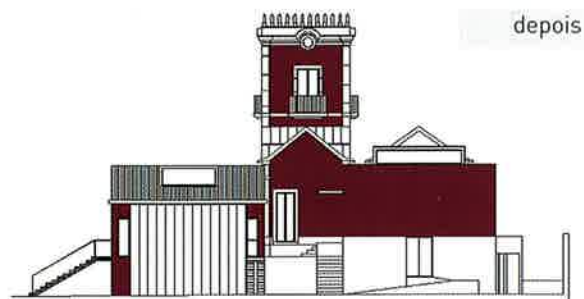
Alçado posterior depois da intervenção

Uma pequena construção localizada à direita da casa e fronteira à eira foi, apesar do seu modesto aspecto, também merecedora de atenta reflexão. Desde o início que foram consideradas em projecto as condições de sustentabilidade do empreendimento. Um pequeno comércio, ao mesmo tempo atracção e apoio, era necessário à coerência do programa. A casa da eira, por ser independente do edifício principal, estar voltada privilegiadamente

a Sul e sobre a eira alta em bem exposta esplanada natural, sem grandes alterações impostas, foi imediatamente escolhida para cafetaria. O pequeno edifício, quase à beira do colapso quando o encontramos, foi ampliado por um novo volume "cego", sem aberturas, com revestimento metálico e neutro, de forma a não ofuscar a construção existente. Implantou-se o aumento, aproveitando a diferença de cotas entre a eira e o terreno atrás do edifício.



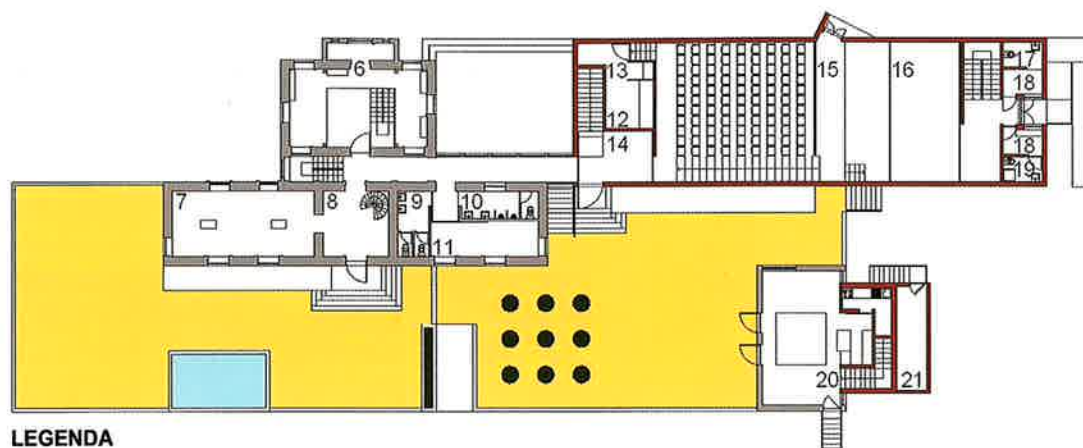
antes



depois

Alçado lateral direito com a casa da eira
antes e depois da intervenção

No piso inferior, cave em relação à eira, rés-do-chão para as traseiras, foi possível instalar os sanitários e despensa impossíveis de localizar no exíguo espaço original.



LEGENDA

- CONSTRUÇÃO EXISTENTE A MANTER
- CONSTRUÇÃO NOVA

Planta do rés-do-chão

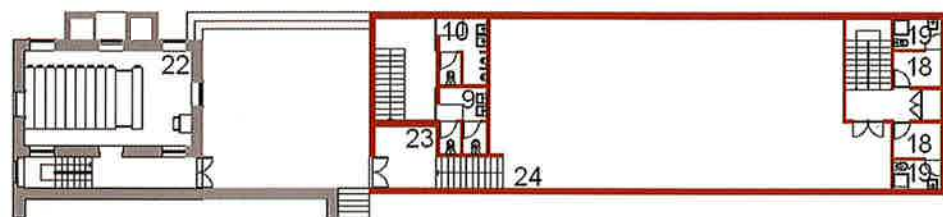
6.biblioteca 7.sala de exposições 8.recepção 9/10.sanitários 11.gabinete de secretariado 12.cabine de luz e som 13.tradução simultânea 15.auditório 16.palco 18/19.camarins 20.cafetaria 21.galeria técnica

Quanto ao restante programa optou-se pela instalação de uma biblioteca complementar à Biblioteca Municipal da sede do Concelho, mais específica, mais voltada à investigação, com mais rotatividade e obviamente, de menores dimensões.

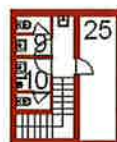
A actual biblioteca



Definiu-se ainda instalar uma pequena sala de exposições temporárias, também ela em articulação com o núcleo de exposições do Fórum da Maia e com o Museu Municipal, que funcionasse, quer como espaço de apresentação à população das grandes exposições a levar a cabo nestes espaços, quer como teatro de pequenas exposições de carácter mais específico ou local. Esta, localiza-se no rés-do-chão, com acesso directo pelo hall de entrada. Pretendendo-se que funcione, inclusive, como espaço de "foyer", aquando da ocorrência de eventos, onde de passagem e sem compromisso, a arte estará à espreita de quem entra. O espaço interior sobejante do edifício principal, foi dotado de gabinetes de investigação, gabinete de secretariado do complexo e sanitários. Ao nível do piso inferior foi instalado um arquivo de médias dimensões que satisfaz as necessidades do espólio que se prevê ter aqui em reserva.



LEGENDA



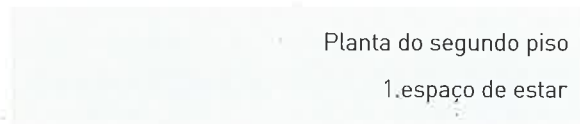
Planta do piso inferior

- 9/10.quartos de banho
- 18/19.camarins
- 22.arquivo
- 23.galeria técnica
- 24.depósito
- 25.despensa



Planta do segundo piso

- 1. espaço de estar



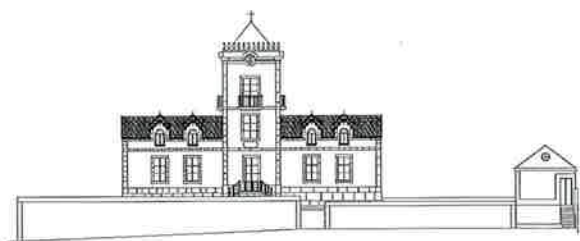
À direita da construção principal, aproveitando o desnível natural do terreno decidiu-se implantar um auditório, absolutamente indispensável à nova função do conjunto. A eira original não tinha toda a dimensão da actual. Esta foi prolongada de forma a dar acesso ao volume do auditório. O terreno atrás da construção principal está mais baixo do que a cota da eira. Assim, implantando o auditório à cota mais baixa, o novo edifício fica enterrado em relação à eira e ao alçado principal do edifício existente, diminuindo o seu impacto e possibilitando a sua integração sem choque, no conjunto.



Edifício principal antes da intervenção e actualmente com a ligação ao auditório

Reforçando a intenção desta mesma integração, a nova construção foi revestida com um capeamento de granito amarelo idêntico ao original até à mesma altura do soco de alvenaria aparente da casa existente. De forma a minimizar a sua presença, o novo volume tem linhas simplicíssimas, por oposição à grande quantidade de informação visual

contida no alçado principal já existente. O novo sólido compacto e quase sem aberturas, é uma imagem de descrição face ao indiscutível protagonismo visual que tem a casa mãe.



Alçado principal antes da intervenção



Alçado principal actual

A nova forma marcadamente horizontal, feminina e estável, pretende equilibrar a verticalidade gritantemente masculina e afirmativa da casa, num jogo de formas, onde o objectivo é um equilíbrio antigo, um casamento volumétrico que suscite, ainda que inconscientemente, serenidade a quem o desfruta. No interior deste novo bloco um auditório para 100 pessoas está equipado para teatro, projecção de cinema, música e nomeadamente conferências. A cabine de som e imagem ocupa um local central a um nível superior e está inclusive equipada para tradução simultânea.



Interior do auditório

Ao nível do piso inferior, novos sanitário de apoio, um grande depósito, que servirá também o Museu Municipal e camarins de apoio ao palco. Atrás do palco uma entrada de serviço com serventia para peças de grandes dimensões, cenários e instrumentos. Encontram-se ainda mais dois camarins e uma zona técnica, sobre o palco, ao nível do primeiro piso.

Os arranjos exteriores

A restante propriedade, outrora pomar e jardim cuidados, estava, à data, plêna de daninhas, transfigurada em matagal anárquico em certos locais impenetrável. Desta desordem orgânica selvática, sobressaía apenas a serena Tília, de copa generosa, que, do topo da pequena colina, domina a encosta Nascente, ensombra de fresca apetecida a eira e monta guarda à casa. O seu contorno insere na paisagem uma curva suave, equilibrando os vértices agressivos das ameias da torre e a forma aguçada das mansardas.



Vista frontal



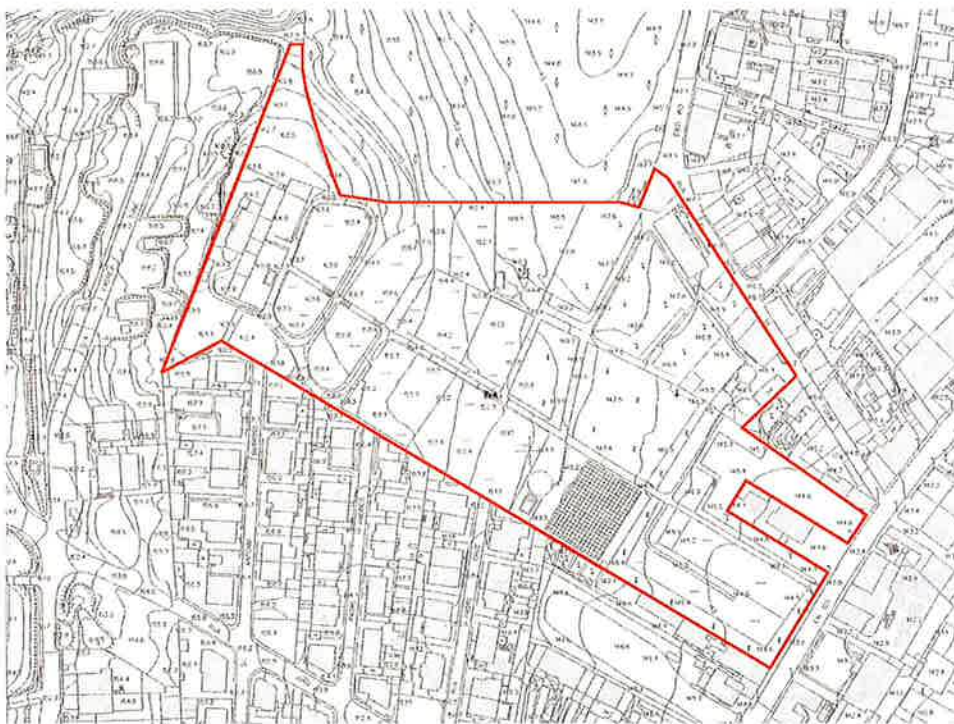
Vista de um dos muros laterais

Os muros que limitavam a propriedade encontravam-se parcialmente em ruínas, réstias do corte abrupto na morfologia do terreno, resultado da abertura das novas vias do loteamento que ocupa actualmente a restante área da propriedade. No entanto, os muros dos limites Sul e Poente, que suportam o terreno face a desníveis de até 3m de altura, encontram-se em óptimo estado e não foram necessárias mais do que pequenas rectificações para serem mantidos na sua totalidade.



A construção dos muros de suporte

A organização original da propriedade, com um percurso central ladeado por cameleiras, a desembocar na R. D. Afonso Henriques e descendo em escadarias pelos socalcos, com tanques de rega, moinho de vento e estufa, estava irremediavelmente perdida.



Quinta da Caverneira
em 1990,
antes da operação
de loteamento

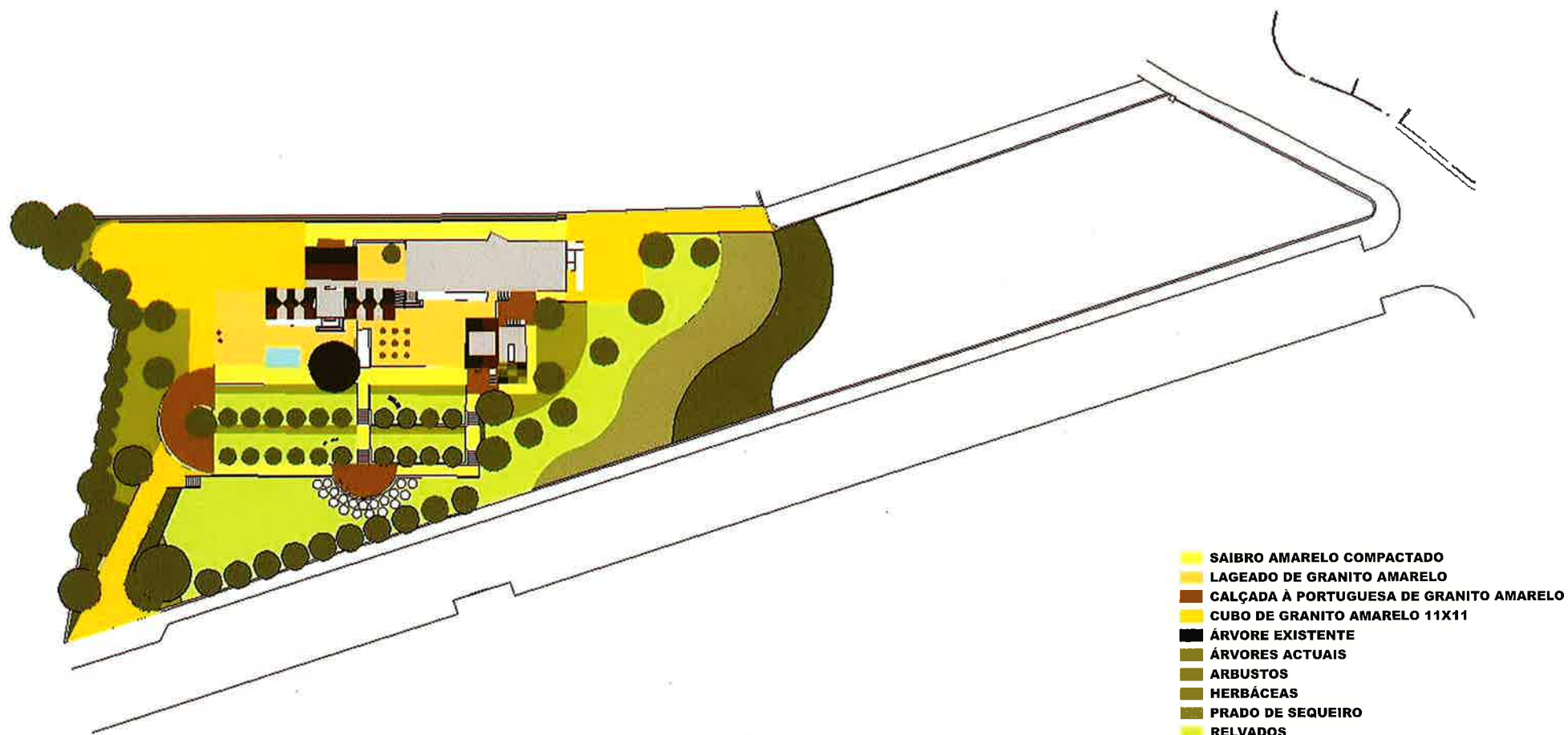
Não havendo vestígios vegetais suficientes para recriar o jardim e quintal originais, optou-se por desenhar um jardim contemporâneo com referências ecléticas. A única solução para tratar o terreno acidentado e granítico foi, como dantes, a criação de socalcos. Os novos muros de suporte são em granito amarelo de demolição, rústicos e irregulares, se bem que estruturados interiormente por muros de suporte de betão, já que as diferenças de cotas entre patamares a tal obrigam.



Percurso central



Foi desenhado um novo percurso central que parte da eira da casa, descendo pelos socalcos à imagem do seu antecessor. Não podendo já alcançar a via principal, detém-se num miradouro sobre o jardim mais extenso, onde confortáveis bancos de madeira convidaram ao recolhimento. Perpendicularmente a este, outros caminhos foram traçados, organizando todo o espaço e acedendo aos vários terraços ajardinados. A formalidade dos jardins barrocos está aqui reinventada, a sua rigidez geométrica casando bem com a rigidez do terreno granítico.



Planta de arranjos exteriores da obra já executada



Os pavimentos dos caminhos, numa mistura de técnicas e materiais tradicionais, pretendem recriar os percursos íngremes das quintas rurais deste norte granítico e taciturno. Recuperamos a antiga calçada à portuguesa, de granito amarelo irregular, e utilizamo-la em pequenos espaços geométricos, na confluência dos caminhos. Usamos igualmente o mais recente cubo de granito com cerca de 11cm de lado, se bem que propositadamente mais irregular, do que é normalmente usado em pavimentação de vias. Os restantes pavimentos e a maior área, são em saibro amarelo compactado, material que nos acompanha há séculos, macio ao pisar, suavizando o passo, hoje como ontem, desde os antigos escarpins de seda barrocos aos ténis de borracha deste século. Um simples sistema de

caleiras ovaladas, executadas em cubo de granito, com grelhas de ferro para as águas pluviais, a ladear os caminhos, foi criado para resolver o sistema das drenagens, reinventando as caleiras tradicionais de que há exemplos belíssimos, em granito ou calçada à portuguesa pelas quintas seculares minhotas.



O pavimento da eira que já descrevemos, em peças de grandes dimensões de granito amarelo espesso, foi rectificado e aumentado em dimensão, com pedra de demolição idêntica. O seu muro de suporte periférico foi igualmente recuperado, acrescentadas algumas pedras em falta e recuperado o tanque de granito onde a água correrá continuamente, trazendo frescura na sua cadência, à aridez da pedra. Serão colocados na eira vasos de barro de

grandes dimensões com laranjeiras anãs e loureiros podados, qual vila Toscana, dando uma nota de verde a este pequeno mar de granito. Este espaço é, por ventura, a grande mais valia pré existente na propriedade, em termos de exteriores, já que quase tudo o resto estava irrecuperável. Os confortáveis bancos de madeira que aqui serão colocados e o mobiliário da esplanada da cafetaria, darão o tom de conforto final para o seu pleno usufruto.

No tardós do edifício principal, interligando, qual rótula, o novo e o velho, criamos um pequeno pátio rebaixado, igualmente em lajeado de granito de demolição, com uma única árvore reinante, um salgueiro retorcido, por ser um local húmido e com pouca incidência solar.



Para a concepção dos jardins, quanto a revestimento vegetal, tivemos como princípio criar duas zonas distintas. Os jardins formais de traça algo barroca em frente às construções e descendo até à via, e as matas laterais, de reminiscências românticas, fechando o espaço exterior ao excesso de informação construída na envolvente. Os terraços fronteiros são grandes espaços relvados, para desfrute dos sedentos de verde.



Beiradas de alfazema ladeiam os percursos, salpicando o ar e o olhar de quem passa com a sua cor e perfume atrevido. As únicas árvores aqui são cameleiras, em memória do percurso principal da antiga quinta, que era ladeado por espécimes idênticas, entretanto perdidas. Em oposição às antigas, plantadas perpendicularmente à casa, quando as vistas eram amplas, as novas estão localizadas em linhas paralelas à construção, numa tentativa de criar uma barreira visual aos enormes volumes recentemente construídos na vizinhança imediata.

No terraço mais baixo, junto ao arruamento, plantou-se uma linha de choupos, de crescimento rápido e grande porte, intensificando este efeito barreira. Ainda neste terraço, junto ao miradouro que remata o caminho pedonal central, um toque de cor é dado por linhas de azéleas rosa, salpicando o relvado. Para o jardim do lado esquerdo do acesso principal pretendeu-se criar um pequeno bosque, cerrando o espaço para as moradias contíguas. Plantaram-se de forma menos geométrica grupos de pinheiros mansos, loureiros, choupos, eucaliptos de jardim e carvalhos. Revestiu-se o solo a ericas, planta rasteira com flor miúda de várias cores que se assemelha às plantas silvestres das nossas

matas, e giestas de jardim de várias cores. É um jardim que não necessita de grande manutenção, com ar selvagem, que só daqui a alguns anos alcançará o efeito pretendido de bosque frondoso.

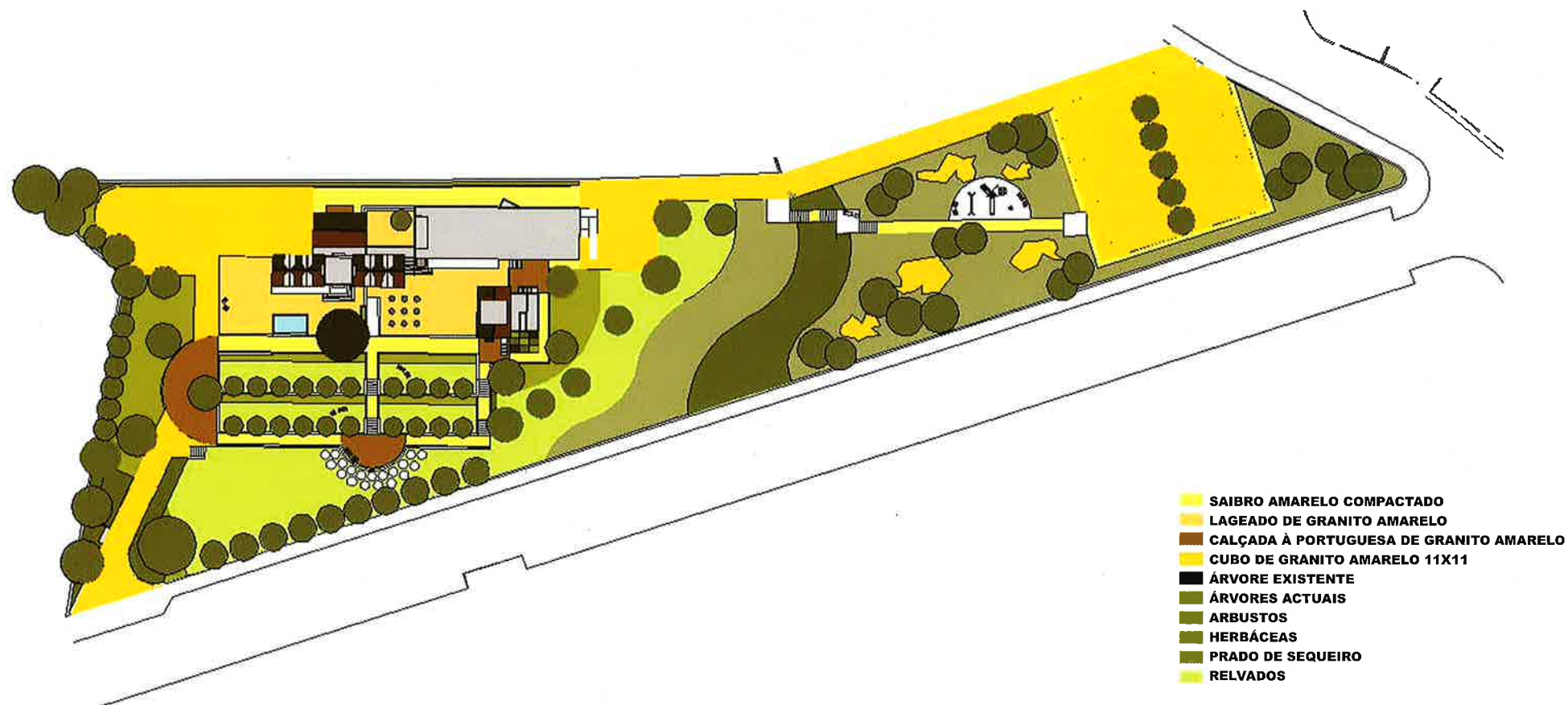


Junto à eira, criou-se um pequeno jardim de aromas, que se espera impregnar o ar de perfumes dignos de olfactos requintados. Está repartido em pequenos talhões com divisões em cubo de granito. Aqui teremos menta, rosmaninho, santolina, alfazema, cidreira, camomila e salva. Do lado direito das construções um enorme talude desce para Norte até ao restante terreno de cotas menos elevadas. Este talude foi, dentro do possível, regularizado, dada a existência de inúmeros afloramentos graníticos à superfície, o que dificultou a tarefa. O mesmo será semeado com prado de sequeiro.

Não tendo já a formalidade dos jardins frontais, mais uma vez plantamos grupos de loureiros, pinheiros mansos, eucaliptos de jardim e carvalhos. De novo o efeito de bosque é pretendido.

Na segunda fase da obra, ainda não executada, o restante terreno será tratado.

Para este novo espaço projectou-se um parque de estacionamento, já que o actual será insuficiente, e um parque infantil, dado as carências neste sentido verificadas na população local. Estudamos actualmente a possibilidade de incorporar neste espaço, pequenas hortas biológicas a concessionar em talhões à população vizinha, reinventando a tradição do pequeno quintal nortenho, para quem habita nos espaços exíguos e sem logradouro da habitação em altura. Esta experiência, já testada em vários pontos do concelho com o apoio da LIPOR, tem tido resultados muito satisfatórios. Como a natureza deste terreno é granítica, íngreme e com grandes diferenças de cotas, o seu programa não é muito ambicioso. Para além dos espaços já mencionados, pretende-se apenas criar um percurso de ligação pedonal aos percursos já existentes, semear prado de sequeiro e plantar abundantes árvores, transformando-o num local de passeio aprazível, numa barreira verde eficaz ao usufruto com qualidade do espaço de todo o equipamento e num pulmão verde, essencial para a densamente construída área em que se insere.



Arranjos exteriores incluindo a segunda fase, ainda não executada

Restauro e ampliação

A casa da eira:

Este edifício encontrava-se, por ser de construção menos sólida, em muito mau estado de conservação. Como era necessário ampliá-lo por questões de funcionalidade, optou-se por demolir a parede cega e construída em granito demasiado miúdo, do alçado posterior assim como toda a cobertura.



A casa da Eira antes e depois da intervenção

Foi construído um novo bloco, já em betão e tijolo, acoplado à construção existente, e que funciona igualmente como elemento estabilizador do conjunto em termos estruturais. O lajeado do pavimento é de grande qualidade mas encontrava-se totalmente desnivelado e com zonas abatidas. Foi levantado, criada uma laje de pavimento em betão, já que o terreno natural se encontra a um a nível inferior, e recolocado à cota da eira, como dantes. Foi necessário "travar" as 3 paredes existentes pela sua fragilidade. A nova laje maciça de cobertura, também em betão, fez esse amarramento, consolidando as paredes que apresentavam já sinais de instabilidade estrutural, fendas e deformações. Para possibilitar a abertura de um grande vão na parede lateral, por questões de luminosidade, foi colocado um perfil heb em ferro a suportar a parede de alvenaria, criando um lintel resistente, que se queria aparente, como todas as estruturas metálicas aplicadas, que pela sua leveza dimensional e elegância são um elemento embelezador do conjunto, sem necessidade de recobrimentos, numa excelente aliança entre forma/função. Substituindo a antiga



escada de acesso da casa da eira ao jardim em granito e em ruínas, que se encontra a cota inferior, foi desenhada uma escada metálica, mais leve, que acompanha a linguagem formal definida para a intervenção. O mesmo acontece com a escada idêntica, que permite o

acesso à galeria técnica localizada no novo volume acoplado e onde se encontra o enorme shiller do ar condicionado para todo o complexo. Este volume foi revestido a chapa de zinco, pretendendo assumir uma neutralidade evidente em relação à preexistência.

A casa principal

Bloco paralelo à eira:

Trata-se do bloco mais ricamente construído. As alvenarias e cantarias encontravam-se na generalidade em bom estado. Para além da função estética das cantarias, estas têm um papel importante na resistência estrutural da obra, na medida em que correspondem a reforços da estrutura em zonas delicadas, como são os envasamentos, os cunhais e as aberturas para portas e janelas.

Nas cantarias exteriores, e de forma a incrementar a sua resistência e melhorar a sua impermeabilização, foi aplicado um isolante à base de silicone. A boa qualidade do granito, suas dimensões e técnicas de assentamento, fundações, natureza granítica e resistente do terreno, assim como o baixo nível freático, contribuíram para a conservação do edifício.



Nova escada entre pisos

O oposto passava-se com os restantes materiais aplicados. As madeiras, estuques, argamassas, elementos metálicos e revestimentos estavam para além do recuperável. Optou-se por isso por uma solução algo drástica - remover todos os elementos construtivos, excepto os granitos. A questão da salubridade foi a directiva principal. Utilizaram-se lajes de betão armado maciças nos diversos pisos, encastradas nas paredes resistentes, que para esse esforço estrutural foram testadas, evitando assim uma estrutura interior independente das paredes, que teria a desvantagem de retirar área ao já muito exíguo espaço útil. Este sistema teve como componente a estabilização das paredes, que pela sua desproporcional altura se encontravam "soltas" e sujeitas a esforços, necessitando de elementos estruturais horizontais de travamento, que já não eram desempenhados pelas estruturas em ruína dos pavimentos de madeira existentes.



Gabinets do primeiro piso



Coberturas do primeiro piso

A cobertura do primeiro piso foi igualmente, e pelas mesmas razões, executada com lajes de betão maciças, com um notável trabalho de cofragem para recriar com rigor as proporções das pendentes e das pequenas coberturas das mansardas. O original segundo piso tinha uma pé direito diminuto. No entanto, como o pé direito do rés-do-chão era de 3,70m reduzindo-o, ao construir a nova laje de pavimento, nas alas laterais, para 3,20m, o acréscimo de 50cm no segundo piso foi suficiente para tornar este espaço habitável e até muito aprazível. Como em todo o projecto, a batalha com a falta de espaço interior útil continuava. A patologia mais significativa que tivemos aqui que solucionar, foi a existência de depósitos de salitre nas paredes de alvenaria da agora sala de exposições. Depois de duas tentativas de remoção e aplicação de nova

argamassa de diferentes composições, as eflorescências reapareceram à superfície do reboco. A pouca humidade ascensorial das paredes é suficiente para dissolver os sais e trazê-los à superfície. A única solução foi a ocultação desta anomalia. Criou-se uma parede de gesso cartonado interior, depois de ter isolado a parede de alvenaria e deixando entre ambas uma caixa de ar ventilada. Afortunadamente esta solução virá a ser muito útil, aquando do funcionamento da sala de exposições, já que este material é facilmente reparável, ao contrario do acabamento estanhado que estava previsto nestas paredes, o que será uma vantagem já que as mesmas servirão de suporte constante e rotativo a peças expostas.



Acesso ao piso inferior

A cobertura do segundo piso suscitou uma longa reflexão. A cobertura original, metálica, em forma de cone pontiagudo, estava irrecuperável e uma solução idêntica mostrava-se ineficaz para resolver os problemas de estanquicidade e isolamento. Dadas as diminutas dimensões da torre, uma cobertura tradicional, de quatro águas, em telha, à imagem das torres nazonianas era de execução difícil e resultado miniaturista. Por outro lado acreditamos que as ameias da torre sobressairiam

no seu recorte e de forma graciosa sobre o fundo do céu, sem mais cenário. Assim sendo, optamos por uma lage de betão plana, encastrada nas paredes de alvenaria e estabilizadora das mesmas. Foi colocada uma camada de isolamento térmico e revestimento de zinco, material com comportamento excelente em termos de vedações. O terraço formado é visitável através de uma clarabóia de abrir. Uma linha de luz foi criada atrás das ameias, único efeito decorativo de iluminação de fachada que estará presente nesta obra, realçando o seu elemento mais notável. As ameias de granito encontravam-se fissuradas e algumas em perigo de queda. Para estabilizá-las e evitar a transmissão de água absorvida nestes elementos às paredes, cortámo-las, aplicámos na base uma lamina de zinco e voltámos a fixá-las com grampos de aço inoxidável e colagem. Foi criada uma caleira periférica de recolha de águas pluviais que são escoadas por um tubo de queda em zinco, passando directamente pela traseira da torre, sem importunar visualmente.



O bloco da biblioteca:

Este conjunto possuía apenas um piso, ao nível da cave o espaço era exíguo e insalubre, sendo acessível apenas parte da área interior. Lutando com a falta de área útil, escavou-se granito duríssimo à picareta, já que outro método teria implicações danosas para o edifício, até alcançar o pé-direito mínimo de 2,4m. Foi um dos trabalhos mais penosos da obra. É aqui que se verificava a existência das patologias mais graves do granito das cantarias.



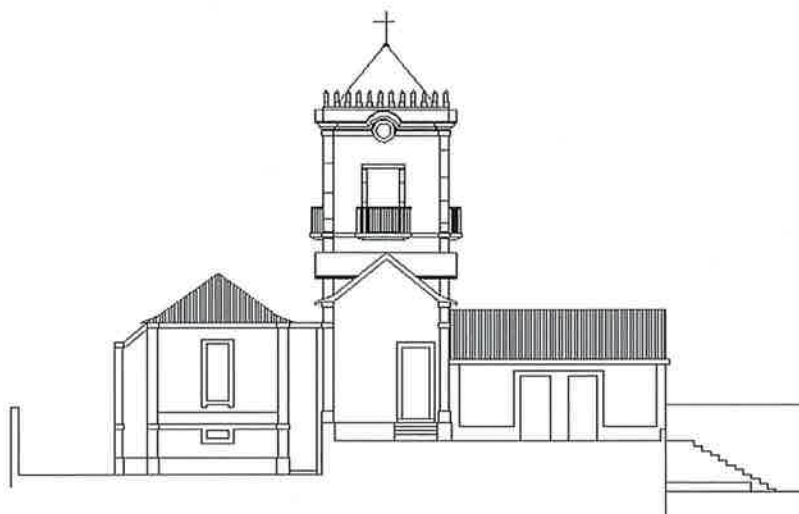


O bloco da biblioteca antes da intervenção

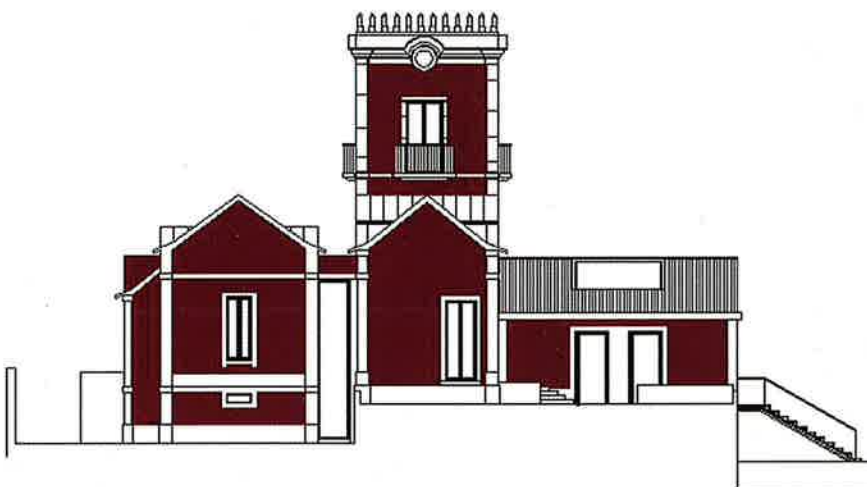
Trata-se de desagregação granular, que se verifica no aumento de rugosidade das superfícies devido à presença de grãos minerais salientes, resultantes do desgaste dos grãos por acção das forças de cristalização de sais solúveis devido à ascensão de soluções salinas a partir do solo ou pela acção directa das águas das chuvas. Conduz ao arredondamento das arestas e à perda de pormenores das cantarias, verificando-se a queda de material, de granulometria arenosa pelo toque. Como este fenómeno está limitado a uma pequena área não tivemos cuidados exacerbados. Limitamo-nos a isolar com produto próprio à base de silicone o exterior das pedras, esperando estabilizar o fenómeno.

Também aqui se verificavam as maiores fissurações de reboco. Estas foram rectificadas com a substituição dos rebocos e estabilização estrutural das alvenarias.

Havia um desajuste visual de coberturas entre o bloco com dois pisos, com cobertura de duas águas e este, com telhado de quatro águas.



Alçado lateral esquerdo antes da intervenção



Alçado lateral esquerdo depois da intervenção

Como necessitávamos de mais espaço, elevamos as paredes através de uma cinta de betão até à altura do bloco perpendicular e executamos uma nova laje de cobertura em betão com pendente idêntica.



O bloco da biblioteca antes e depois da intervenção



Em termos formais o resultado foi satisfatório e permitiu criar um segundo piso parcial, interiormente. Este é metálico e constituído por perfis HEB com estrutura independente das paredes e de descarga à laje de pavimento, assim

como a escada que lhe dá acesso. A sua leveza permite assumir a estrutura como aparente e o pavimento de madeira maciça do piso superior foi directamente fixada à mesma, permitindo-nos aproveitar ao máximo as alturas úteis interiores. Um ponto crucial neste projecto é a ligação do edifício existente ao novo bloco do auditório. Mais uma vez a estrutura metálica foi protagonista. Um passadiço envidraçado liga os dois corpos, suspensa sobre o novo pátio no tardós do conjunto. A leveza e transparência deste elemento, permite uma transição suave entre os dois volumes. O efeito cenográfico da iluminação encastrada no pavimento interior e reflectida nos envidraçados é também de referenciar, assim como a sensação de estar num espaço quase exterior ao atravessá-lo.



Passadiço metálico de ligação entre o edifício existente e o novo bloco

Uma última palavra sobre a cor exterior. Se observarmos bem, as nossas "arquitecturas" estão marcadas por uma ausência de cor, sintetizada no

branco, nascida do higienismo do sec.XIX, cultivada pelo salazarismo e continuada no modernismo minimalista.

Portugal era, até à década de 50, um dos maiores produtores de pigmentos naturais vermelhos e ocres obtidos de terras. Esta tradição encontra-se esquecida, sendo no entanto de louvar, experiências como as da "Sétima colina" ou o "Projecto integrado do Castelo", em Lisboa, assim como estudos cromáticos levados a cabo nos Gabinetes dos centros históricos de Guimarães, Évora e Porto, que deixam adivinhar uma mudança lenta deste raciocínio instalado. A cor existente era mais clara

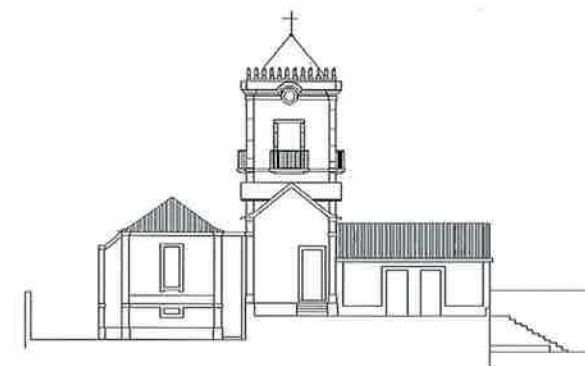
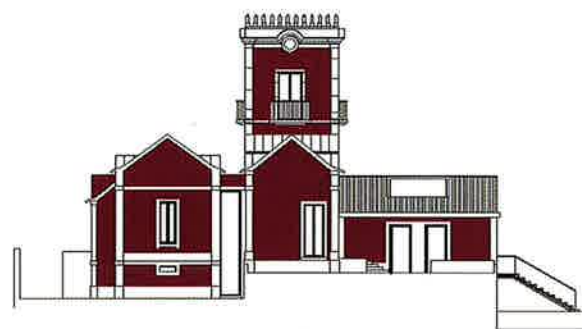
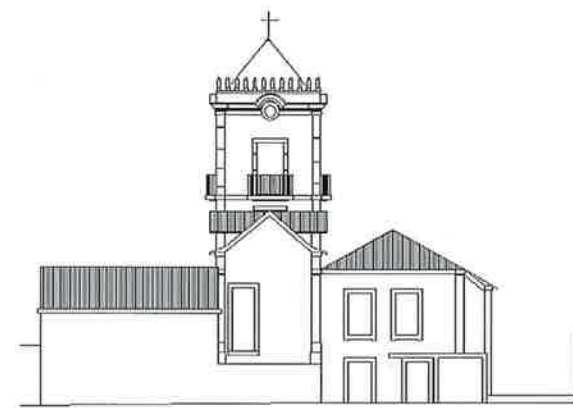


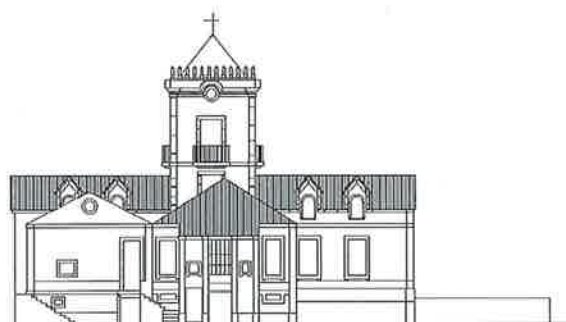
e rosada, casando, a meu ver, melhor com a luminosidade da Capital, onde este tom prolifera pelas fachadas, do que com o taciturno Norte, atlântico, celtibérico, mais sóbrio na aparência e no trato. Surge assim, depois de intermináveis

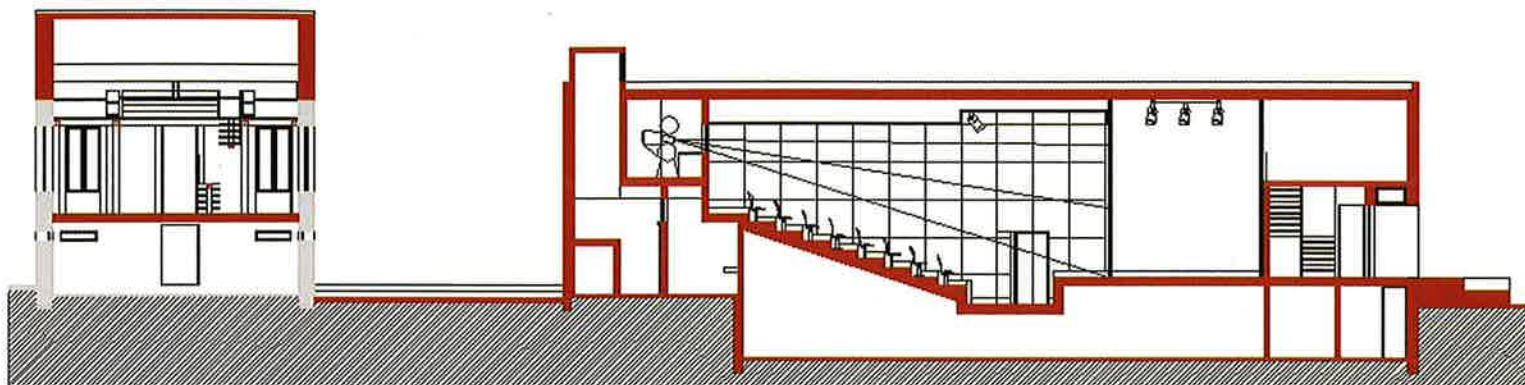
amostras e afinamentos, este tom de vinho, vulgo denominado vermelho sangue de boi, tão comum na Invicta, especialmente no centro histórico, e recentemente recuperado como no caso do actual Teatro do Campo Alegre.

Também influiu na escolha, o efeito desta cor escura, a jogo com as nobres cantarias de granito amarelo, que parecem ganhar, por contraste, relevo e dimensão, sublinhadas pelo pano de fundo.

Susana Carvalho, arquitecta







Corte longitudinal pelo auditório



Corte transversal pelo auditório e cafeteria

Professor Doutor
JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR

Nascido em Barcelos em 1901, Licenciou-se em Ciências Histórico-Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 1923 e em Medicina, pela respectiva Faculdade da mesma Universidade em 1932.

Só fez clínica por curto espaço de tempo já que decidiu dedicar-se por inteiro quer ao ensino quer à investigação. Foi professor dos Liceus de Alexandre Herculano e de Rodrigues de Freitas, ambos no Porto, tendo abandonado a docência liceal justamente para se licenciar em Medicina. Foi, durante algum tempo, preparador-conservador do Museu Antropológico da Universidade do Porto. Nomeado para Assistente da cadeira de Antropologia em 1923, doutora-se em 1944 e faz concurso para Professor Extraordinário em 1948. Realizou diversas missões de estudo antropológico à África, nomeadamente entre 1936 e 1948. Alguns dos seus trabalhos de investigação tiveram como palco a Maia, com destaque para a descoberta e as primeiras referências nacionais e internacionais à Pedra Partida de Ardegães. Foi discípulo e continuador do Professor Mendes Correia, nomeadamente como director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, que ostenta o nome daquele insigne investigador. Provido no lugar de Professor Catedrático, viria a jubilar-se em 1971, sem que isso tenha interrompido, antes pelo contrário, o seu fecundo percurso de investigação e publicação. Entre muitas outras Instituições, pertenceu à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, à Sociedade de Geografia de Lisboa, à Associação dos Arqueólogos Portugueses, à Sociedade Martins Sarmento, à Real Academia Galega, ao Institut International d'Anthropologie e à Société Ethnographique de Paris.

Publicou muitas dezenas de trabalhos e vários livros, nomeadamente versando a Antropologia, a Etnografia, a Pré-História e a Zoologia. Faleceu em 1990, tendo por mais de 50 anos habitado a Quinta da Caverneira.

J.M.M.



Fragmento de uma
caricatura de F. Ferreira - 1951



quinta.caverneira.maia



ACADEMIA DAS ARTES DA MAIA - PRODUÇÕES CULTURAIS, E.M.